

À sombra das crônicas imortais

At the shadow of immortal chronicles

Claudio Cezar Henriques¹
Lúcia Deborah Araujo²

Resumo

As crônicas sobre futebol, escritas por Nelson Rodrigues e organizadas por Ruy Castro na obra “À sombra das chuteiras imortais” constituem o *corpus* deste trabalho. Partindo de uma visão discursiva dos textos, realizamos uma leitura analítica em duas frentes: a lexical e a sintática. No plano do léxico, ou melhor dizendo, da estilística lexical, estão sob estudo as escolhas de palavras e expressões empregadas pelo dramaturgo com o intuito de construir imagens de gosto apurado, embora nem sempre configuradas da maneira habitual ou polida praticada por seus contemporâneos. No campo da sintaxe, investiga-se especificamente o uso de construções com orações justapostas e sua relação com a argumentação. Procuramos demonstrar que tais construções sintáticas demarcam atos discursivos diferentes num mesmo período e conferem valor de argumento a enunciados carregados de subjetividade, constituindo mesmo um traço estilístico do cronista. Dos estudos sobre a argumentação, tomamos o conceito de argumentos quase lógicos, compatível com a condução argumentativa feita por Nelson Rodrigues na obra analisada. Observamos que a subjetividade, como traço inerente ao gênero textual crônica, é assumida, mas revestida de veracidade e de poder argumentativo, por meio das construções com justaposição, em atos discursivos que apresentam a visão do cronista na forma de testemunhos, esclarecimentos pedagógicos, generalizações de opinião, propostas e exortações e enunciações de verdades dadas como universais. Usada com constância, a construção com orações justapostas insere pausas que servem, simultaneamente, para dar destaque aos enunciados apresentados como argumentos e aproximar a escrita da fala, representando-lhe a melodia característica das cenas de argumentação.

Palavras-chave: Crônica. Léxico. Discurso. Sintaxe.

¹ Professor titular de Língua Portuguesa da UERJ, membro da Academia Brasileira de Filologia, licenciado em Português-Literaturas pela UFRJ e pós-doutor em Letras pela USP.

² Professora adjunta de Língua Portuguesa da UERJ, do Colégio Pedro II e do Descomplica Videoaulas; licenciada em Português-Literaturas pela UFRJ e doutora em Língua Portuguesa pela UERJ.

Contatos: claudioch@uol.com.br

Abstract

The articles about football written by Nelson Rodrigues and organized by Ruy Castro in “*À sombra das chuteiras imortais*” are the *corpus* of this paper. Based on a discursive vision of the texts, we analyze them from two perspectives: the lexical one and the semantic one. As related to the lexical perspective, or better saying, to the lexical stylistic, we focus on the choice of words and expressions used by the playwright aiming at creating elegant images, though not always in the usual or polished way as that practiced by his contemporaries. As related to the syntactic perspective, we consider specifically the use of constructions with juxtaposed clauses and the way they relate with the argumentation. We attempt at showing that these syntactic constructions indicate different discursive acts in one single period and give the value of an argument to enunciations full of subjectivity, which constitutes a stylistic feature of the chronicler. From the works on argumentation, we have taken the concept of almost logical arguments, consistent with the argumentative line developed by Nelson Rodrigues in the work under consideration. We observe that the subjectivity, as an inherent trace of the textual genre “chronicle”, is present, but covered by veracity and argumentative power, through the constructions with juxtaposition, in discursive acts that show the chronicler’s view in the form of testimonies, pedagogic explanations, opinions’ generalization, suggestions and exhortations and enunciations of truths taken as universal. Used frequently, the construction with juxtaposed clauses inserts pauses that simultaneously give emphasis to the enunciations as arguments and approximate the writing to the speech, showing the characteristic melody of the argumentation scenes.

Keywords: Chronicle. Lexicon. Discourse. Syntax.

Introdução

A motivação para este artigo não poderia ser mais oportuna. Ele nasce no clima da Copa do Mundo e do renovado sonho do campeonato – o “hexa” – da seleção brasileira. Falar de futebol evoca naturalmente a memória de um mago das narrativas ludopédicas: Nelson Rodrigues. Por isso, buscamos inspiração e material nas páginas da coletânea *À sombra das chuteiras imortais*, organizada por Ruy Castro. Trata-se de uma obra que reúne 70 crônicas, escritas num período que vai de 1955 a 1970, das quais as primeiras 31 foram publicadas na revista *Manchete Esportiva* e as 39 restantes, no jornal *O Globo*. Melhor dizendo, o livro volta seu olhar para o próprio passado nada glorioso do Brasil em Copas do Mundo, em especial para a decantada derrota para o Uruguai num Maracanã lotado, mas segue uma trajetória que culmina com o testemunho

da conquista do tricampeonato no México – dois momentos emblemáticos na história do futebol brasileiro.

Trabalhando os tons dessa dicotomia quase barroca de decepções e euforias, Nelson Rodrigues constrói, por meio de palavras e estruturas sintáticas conscientemente escolhidas, um universo ao mesmo tempo emocional e cheio de razão. Não dissemos racional por não se tratar exatamente de um espaço caracterizado pelo exercício lógico-matemático, mas cheio de razão, por carregar convicções e razões do autor – muitas vezes, uma voz que fala por tantas; outras vezes, uma dissonância em meio à criticada unanimidade.

A leitura crítica das crônicas futebolísticas de Nelson Rodrigues enseja análises variadas, feitas a partir de diferentes recortes. Para este artigo, escolhemos dois aspectos que se vinculam diretamente à expressividade: peculiaridades da seleção lexical e aspectos da construção sintática ligados à argumentação. Tal escolha se justifica por se tratar, sem dúvida, de um autor muito consciente do manejo linguístico, especialmente na crônica, que, por seu caráter ao mesmo tempo sintético e impactante, exige do escritor desenvoltura para transitar entre a narração e a exposição, aproveitando da melhor maneira os recursos linguísticos, de modo a extrair-lhes a máxima eficácia. Nelson Rodrigues não desaponta.

A crônica se caracteriza por trazer viva a voz do cronista. Outras vezes se juntam à sua, em diálogos – explícitos ou não – tão característicos das narrativas. Essa alternância de vozes e subjetividades costura as partes da crônica, produzindo uma saborosa mescla que tanto agrada ao gosto nacional. Fiquemos, por ora, atentos à presença da subjetividade, pois ela fará o balizamento dos fatos.

Numa crônica sobre futebol, em que o mesmo lance pode ser visto e percebido por um sem-número de ângulos, e até mesmo o fato inquestionável do gol pode ser questionado, a objetividade tende a se postar no horizonte. Sabe-se que a subjetividade muitas vezes enfraquece a argumentação, por aproximar assertivas de opiniões – assim a ciência se pronuncia a respeito da subjetividade, divorciando-se dela. Como, então, convencer o leitor a despeito da subjetividade inerente ao *métier* (para usar um termo tão rodrigueano) do mundo da bola e da crônica? Procuraremos apresentar alguns dos recursos mais usados pelo autor, sempre partindo dos aspectos escolhidos.

Quase verdades

Em uma rápida leitura das crônicas de Nelson Rodrigues, salta aos olhos um uso peculiar de pausas assinaladas por dois pontos e travessão, que, por seu caráter repetitivo, é facilmente identificado como uma marca estilística do autor. Ao examinarmos mais detidamente essas ocorrências, verificamos que as estruturas não são sempre iguais, mas apresentam realidades sintáticas distintas e participam de atos discursivos também distintos. Interessam-nos aqui as que se vinculam estreitamente ao exercício da argumentação, motivo pelo qual não discutiremos os casos em que a pontuação serve para introduzir as vozes dos personagens, num claro procedimento narrativo.

Dentre as ocorrências que se ligam à argumentação, temos ainda diferentes situações, sempre após os dois pontos e um travessão: orações justapostas (entre elas, as intercaladas) e orações apositivas. Antes, porém, de progredirmos nas considerações a respeito dos textos, façamos um brevíssimo apanhado dos conceitos circulantes acerca da justaposição, procedimento mais comum no *corpus* analisado, e suas respectivas aplicações discursivas.

Henriques (2011) conceitua como justapostas as orações sem conectivo que, de modo geral, apresentam-se com um verbo que não vem em uma forma nominal (traço que as distingue das reduzidas). Bechara (2009, p. 479) igualmente contempla a questão da ausência de transpositor ao nomear como justaposição ou assindetismo a possibilidade de orações se encadearem sintaticamente, sem que isso se faça por meio de conectivo: “[...] basta-lhes apenas a sequência, em geral, proferida com contorno melódico descendente e com pausa demarcadora, assinalada quase sempre na escrita por vírgulas, ponto e vírgula e ainda por dois pontos”.

Apesar de reconhecer a aproximação entre as justapostas e as coordenadas, sobretudo pelas conexões lógico-semânticas que se podem estabelecer entre as orações numa e noutra construções, a justaposição carrega o traço da relação sintática não mediada por conectivo, estabelecendo, portanto, uma ligação de maior vínculo que a coordenação.

Azeredo (2008, p. 298), ao descrever a justaposição, acrescenta uma dimensão discursiva que nos interessará bastante, pois o autor entende essa relação como a combinação, num mesmo período, de orações desprovidas do item lexical que serve de “prova” sintática, mas cujo objetivo é expressar “atos discursivos diferentes do mesmo enunciador ou atribuídos a enunciadores

diferentes”. Azeredo atribui à estrutura justaposta uma relação clara com as vozes do texto, que podem ser a do próprio enunciador ou de outrem. É comum que tal alternância de vozes corresponda à situação de diálogo entre personagens: (1) “[...] Outro alvinegro veio cochichar-me, ao ouvido: — “Viste aquele gol de letra que Paulinho fez?”. Tomo um susto: — “De letra?” [...]” (p. 33).

No caso apresentado, as duas vozes assinaladas pela pontuação correspondem, respectivamente, à de um personagem e à do próprio autor, no papel de mais um personagem da cena.

Como excluímos do escopo deste artigo a discussão de casos desse tipo, caracteristicamente narrativos, as vozes a serem analisadas serão (a) a do próprio autor em sua função argumentativa ou (b) vozes genéricas e difusas, sempre entendidas como uma expressão do senso comum ou como asserções dadas por verdades, com valor de argumento, como nos trechos a seguir. Neles, respectivamente, temos a própria voz do enunciador/cronista em procedimento retórico de pergunta-resposta e uma voz genérica que carrega a crença do enunciador, tomada como uma verdade:

(2) “E aqui pergunto: – qual teria sido a contribuição carlitiana para o título? Eu próprio respondo: – Carlito ligou o jogo ao sobrenatural, pôs Deus ao lado do Botafogo e mais do que isso: – pôs Deus contra o Fluminense.” (p. 36).

Ou em:

(3) “E, subitamente, eu compreendia o seguinte: — não há um Deus geral, não há um Deus de todos, não há um Deus para todos.” (p. 37).

Nos estudos sobre argumentação feitos por Perelman (1996, p. 219), encontramos farta discussão sobre o que o autor chama de *argumentos quase lógicos*, conceituando-os como argumentos que pretendem conferir

certa força de convicção, na medida em que se apresentam como comparáveis a raciocínios formais, lógicos ou matemáticos. No entanto, quem os submete à análise logo percebe as diferenças entre essas argumentações e as demonstrações formais, pois apenas um esforço de redução ou de precisão, de natureza não formal, permite dar a tais argumentos uma aparência demonstrativa [...].

Entendemos que a argumentação realizada por Nelson Rodrigues se aproxima, em muitos momentos, dessa definição. Suas crônicas, construídas a partir de acontecimentos recentíssimos do futebol, noticiados muitas vezes na mesma página de jornal em que saíam publicadas, discriminam-se da notícia e de sua objetividade inerente, pois: a) a crônica inclui subjetividade e argumentação; b) o futebol não se faz apenas de fatos (os quais já vêm apresentados com maior objetividade nas notícias), mas das percepções e inferências acerca deles, e ambas (as percepções e as inferências), muitas vezes, são atravessadas por fatores subjetivos tipicamente encontrados no discurso do torcedor.

Alguns talvez pontuem que um cronista de futebol não é exatamente um torcedor comum, mas alguém com o propósito de realizar um exercício crítico e, justamente por isso, dar aos temas um tratamento mais objetivo. Contudo, a réplica inevitável (conquanto *quase lógica*) seria a de que os cronistas de futebol são, antes de tudo, amantes desse esporte, e não seus cientistas, portanto, seus textos são sempre marcados por suas subjetividades, para não dizer por sua paixão e conseqüente distorção. Nesse sentido, a argumentação do cronista de futebol, para produzir os efeitos desejados, deve cumprir a difícil missão de convencer, mesmo sem ter uma base lógico-matemática (e, muitas vezes, tendo apenas crenças individuais como base). Para conferir valor ao que é dito, reduzindo, ao menos na aparência, a fragilidade argumentativa das opiniões e dos postulados impressionistas, entra em cena o manejo linguístico.

Como já afirmamos, é possível perceber uma clara relação entre as escolhas lexicais e as escolhas sintáticas para um dado texto e o propósito discursivo a que atendem, sobretudo nas produções de um autor consciente. Vejamos como isso se dá nas crônicas de Rodrigues.

A pausa que empurra

Uma oscilação entre níveis de formalidade pode ser observada nos textos, em que um vocabulário mais sofisticado (“élan”, “métier”, “massa ignara e ululante”, “nautas camonianos”, “estupor”) convive com a fraseologia popular (“Paulinho meteu tantos”, “até uma cambaxirra faria”, “vai comer a bola”, “eu sou uma besta”, “foi uma lavagem de bola”). Como é comum nas crônicas, o texto escrito assume pontos de convergência com a fala, seus usos e ritmos. Na fala, uma pausa estratégica antes de se enunciar uma verdade (ou algo à guisa de verdade) confere especial valor ao que se vai dizer, atribuindo alguma solenidade à declaração por vir. Cumpre, assim, papel fático.

Sabemos que a pontuação praticada em português está associada a motivações sintáticas. Nos textos do cronista Nelson Rodrigues, a pontuação não abandona a sintaxe, contudo, podemos identificar-lhe um valor rítmico, além do estritamente sintático, que aproxima o texto escrito de alguns procedimentos melódicos usados na fala, participando, principalmente, do reforço à argumentação realizada.

Examinemos o trecho a seguir: (4) “Eis a verdade: – a morte parece conferir um especialíssimo manto aos seus eleitos. Não há morto sem importância.” (p. 39).

A oração que se segue ao fragmento sem verbo do anúncio inicial é antecedida de pontuação que sugere uma pausa solene, preparatória para a revelação da “verdade”. Nem mesmo a modalização da sequência verbal “parece conferir” enfraquece o argumento, que logo evolui para se tornar um postulado: “Não há morto sem importância”. Poderia o autor ter usado apenas dois pontos, mas a existência do travessão confere voz ao que se enuncia, destacando que o enunciado constitui outro ato discursivo. Assim vocalizado, ainda que de modo genérico, o enunciado ganha valor de argumento, ou melhor, de verdade sabida e compartilhada.

Note-se que se a opção redacional fosse algo como “A verdade é que a morte parece conferir um especialíssimo manto aos seus eleitos”, em que a parte reveladora do enunciado se mostra numa estrutura subordinada por meio de um transpositor, o impacto argumentativo tenderia a decrescer. Em outros termos, a pausa praticada na estrutura usada por Nelson “empurra” a argumentação, salientando o valor do que se vai enunciar, e o travessão vincula o dito a uma voz, aproximando-o ainda mais da fala e de um saber comum, pleno de autoridade.

Sintaticamente, observamos que a opção por uma estrutura em que os dois segmentos têm autonomia sintática – apesar do relacionamento lógico – produz um efeito distinto do obtido com a construção, por exemplo, de uma oração principal seguida de subordinada predicativa, justamente a que contém a revelação da verdade. Em outras palavras, o grande argumento estaria subordinado à primeira oração e seria parte de um mesmo e único ato discursivo.

A relação entre a pontuação e as construções justapostas é íntima e inescapável. Mais que isso, esse procedimento constitui uma marca estilística do cronista. Marca muito constante, por sinal, pois basta passar os olhos pelo texto e lá estão dois pontos e travessão (sim, o autor os combina quase sempre, mesmo fora de situações narrativas) indicando os pontos nodais da argumentação.

Entre os atos discursivos que se conjugam com a exposição, podemos citar, a título de ilustração, exortações e propostas (5), generalizações de um ponto de vista (6), teses culturalmente referendadas (7), esclarecimentos pedagógicos (8) e premissas altamente subjetivas colocadas como verdades (9).

Senão vejamos:

(5) De fato, o futebol brasileiro tem tudo, menos o seu psicanalista. Cuida-se da integridade das canelas, mas ninguém se lembra de preservar a saúde interior, o delicadíssimo equilíbrio emocional do jogador. E, no entanto, vamos e venhamos: — já é tempo de atribuir-se ao craque uma alma, que talvez seja precária, talvez perecível, mas que é incontestável. (p. 25)

(6) Eu não vi, nem ouvi, durante toda a semana do jogo, um tricolor falar em Deus. E por quê? Pelo seguinte: — achamos que Deus não se interessa por futebol! Portanto, nós o excluímos das atribuições da nossa torcida. Domingo, nunca houve um clube tão sem Deus como o Fluminense. (p. 37)

(7) O que nós chamamos de realeza é, acima de tudo, um estado de alma. E Pelé leva sobre os demais jogadores uma vantagem considerável: — a de se sentir rei, da cabeça aos pés. Quando ele apanha a bola, e dribla um adversário, é como quem enxota, quem escorraça um plebeu ignaro e piolhento. (p. 42)

(8) Imagino que, domingo, ao entrar em campo, ele não era um jogador como qualquer um, como qualquer outro. Era alguém em estado de graça ou, ainda, em estado de anjo. Sua tremenda euforia não foi de jogador, nem mesmo de gente. Só mesmo um anjo faria tantos gols num jogo decisivo. Vejam bem: — minuto a minuto, foi de um fôlego bestial. Não parava. Ele, sozinho, nas suas penetrações alucinantes, bastava para dinamizar a peleja, para dramatizá-la. Foi com ele que começou a desintegrar-se a defesa tricolor. (p. 34)

(9) Hoje, o meu personagem da semana é uma das potências do futebol brasileiro. Refiro-me ao torcedor. Parece um pobre-diabo, indefeso e desarmado. Ilusão. Na verdade, a torcida pode salvar ou liquidar um time. É o craque que lida com a bola e a chuta. Mas acreditem: — o torcedor está por trás, dispondo. (p. 49)

O esforço argumentativo tem, além da pausa e da construção justaposta, um aliado importante: os ditos que antecedem a justaposta. “Acreditem”, “vamos e venhamos”, “convenhamos”, “eis a verdade” são reforços importantes à argumentação, denunciadores, por vezes, como no uso de “acreditem”, da própria fragilidade do que se vai enunciar como argumento. Digno de nota é, igualmente, o recurso a uma construção que, por guardar intertextualidade com passagens bíblicas (“Em verdade eu vos digo”), torna intocáveis os argumentos, que se travestem de verdades sagradas, conquanto sejam apenas impressões de caráter muito pessoal:

(10) Foi com ele que começou a desintegrar-se a defesa tricolor. Ah, o duelo de Paulinho com Pinheiro! Foi algo de trágico. Eu vos digo: – Pinheiro, atrás de meu personagem, parecia uma maciça, uma compacta catedral perseguindo um coelhinho. E como Paulinho cortou, envolveu, ceifou, dizimou e devastou Pinheiro! (p. 35)

(11) E o triunfo sem show, sem apoteose, o triunfo enxuto deixa o brasileiro descontente e desconfiado. Mas eu vos digo, aqui, que ninguém nos ouviu: – foi a maior vitória brasileira. (p. 55)

Tudo isso é feito com o intuito de capturar as convicções do leitor, alinhando-as com as do cronista. Como ilustração, vejamos um trecho maior, extraído da crônica “O complexo de vira-latas”, na qual Nelson discute mais uma vez a derrota sofrida pela seleção brasileira em 1950, atribuindo-a ao baixo moral do escrete, que ele via como – mais do que do escrete – um traço cultural tipicamente brasileiro. No trecho, é possível observar a frequência com que o cronista se utiliza da justaposição como recurso argumentativo.

(12) Mas vejamos: – o escrete brasileiro tem, realmente, possibilidades concretas? Eu poderia responder, simplesmente, “não”. Mas eis a verdade: – eu acredito no brasileiro, e pior do que isso: – sou de um patriotismo inatual e agressivo, digno de um granadeiro bigodudo. Tenho visto jogadores de outros países, inclusive os ex-fabulosos húngaros, que apanharam, aqui, do aspirante-enxertado do Flamengo. Pois bem: – não vi ninguém que se comparasse aos nossos. Fala-se num Puskas. Eu contra-argumento com um Ademir, um Didi, um Leônidas, um Jair, um Zizinho.

A pura, a santa verdade é a seguinte: – qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia,

de improvisação, de invenção. Em suma: – temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de “complexo de vira-latas”. Estou a imaginar o espanto do leitor: – “O que vem a ser isso?”. Eu explico.

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. (p. 52)

Analisemos caso a caso. Encontramos, logo na primeira ocorrência de justaposição, uma pergunta retórica que o cronista destaca. Em seguida, vemos uma declaração altamente subjetiva apresentada como verdade. Esse ponto chama especial atenção pela utilização dupla da pontuação e da justaposição, produzindo uma espécie de destaque dentro do destaque. Ao mesmo tempo em que reitera a declaração subjetiva, conferindo-lhe uma gradação ascendente, o cronista faz crescer o destaque para compensá-la e reforçar a argumentação que vai enaltecer os jogadores brasileiros: “não vi ninguém que se comparasse aos nossos”.

Cabe acrescentar que essa crônica, publicada em 31 de maio de 1958, foi a última escrita por Nelson antes da estreia do Brasil naquela Copa. O cronista, numa das primeiras linhas do texto, apresenta a opinião vigente no país e da qual, como já vimos, ele não compartilha: “Há quem esbraveje: – ‘O Brasil não vai nem se classificar!’”

A cada estrutura, uma pausa e um adendo de solenidade reveladora. Nelson Rodrigues vende ao leitor a sua visão das coisas, mimetizando processos lógicos sem os concretizar. É exatamente o que segue fazendo quando enuncia “a pura, a santa verdade”. Costuma-se dizer que religião não se discute e assim “santas verdades” são verdades indiscutíveis. Desse modo, apresentando a premissa de que o jogador brasileiro, uma vez desinibido, “é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção”, pode o autor sustentar seu postulado: “temos dons em excesso” e só nos atrapalharia o tal complexo de vira-latas.

Todo o percurso argumentativo é feito no terreno escorregadio da subjetividade e da opinião de base impressionista, mas Nelson transita por ele com perícia, revestindo suas imprecisões de uma feição quase lógica e usando a justaposição como recurso maior para isso. O que acontece nesse trecho é comum a todo o conjunto de crônicas do autor.

Considerações finais

Vimos neste artigo que Nelson Rodrigues, em seu exercício como cronista, apresenta o mundo do futebol e de suas paixões características por meio de textos que assimilam traços usualmente atribuídos ao *métier* desse esporte. O autor faz jogadas criativas com o léxico e dribla o crivo lógico, tabelando com a justaposição. Ao recriar, na linguagem, a ambiência irreverente do futebol-arte brasileiro e revestir sua subjetividade de uma inegável força argumentativa, Nelson Rodrigues demonstra a grande, a santa verdade de que, no que diz respeito à sua literatura sobre futebol, o complexo de vira-latas passou longe.

A sucessão de suas crônicas se reveste de mensagens explícitas (ou nem tanto) do seu “patriotismo inatural e agressivo”. Assim como o “granadeiro bigodudo”, o “chinês da anedota”, “um Narciso às avessas, que cospe na própria imagem” e o “herói de Walter Scott”, o personagem central de suas crônicas, embora mude de nome, de time ou de palco, é sempre o mesmo: o futebol brasileiro, ou antes, o próprio brasileiro, para quem a receita rodrigueana é apenas esta (“eis a verdade”): “O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas” (p. 52).

Referências

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. Rio de Janeiro: Campus, 2011.

PERELMAN, Chaïm. *Tratado da argumentação*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Data da submissão: 11/02/2014

Data do aceite: 30/04/2014